

NOVEMBER 1997
A Liahona





A PRIMEIRA
PRESIDÊNCIA
Spencer W. Kimball
N. Eldon Tanner
Marion G. Romney
Gordon B. Hinckley

CONSELHO
DOS DOZE:
Ezra Taft Benson
Mark E. Petersen
LeGrand Richards
Howard W. Hunter
Thomas S. Monson
Boyd K. Packer
Marvin J. Ashton
Bruce R. McConkie
L. Tom Perry
David B. Haight
James E. Faust
Neal A. Maxwell

COMITE DE
SUPERVISÃO:
M. Russel Ballard
Loren C. Dunn
Rex D. Pinegar
Charles Didier
George P. Lee
F. Enzio Busche

EXECUTIVO DO
"INTERNATIONAL
MAGAZINE":

M. Russel Ballard,
Editor;
Larry A. Hiller,
Editor Gerente;
David Mitchell,
Editor Associado;
Bonnie Saunders,
Seção Infantil;
Roger Gylling,
Desenhista.

EXECUTIVO DE
A LIAHONA:
Gelson Pizzirani,
Diretor Responsável;
Paulo Dias Machado,
Editor;

Victor Hugo da Costa Pires,
Assinaturas;
Orlando Albuquerque,
Supervisor de Produção.

A Liahona

NOVEMBRO DE 1982
PBMA0518PO
SÃO PAULO - BRASIL

HISTÓRIAS E DESTAQUES

- 1 Mensagem da Primeira Presidência:
"FUI, PORTANTO, INSTRUIDO", Presidente Spencer W. Kimball.
 - 8 O QUE O SENHOR REQUER DOS PAIS, Robert L. Backman.
 - 14 LANÇAR A REDE, Derek Dixon.
 - 20 PERGUNTAS & RESPOSTAS, Thomas P. Smith e George D. Durrant.
 - 26 COMPARTILHAR, Candy B. Stewart-Magee, Patti Jean Angus e Louanne Brown Barrett.
 - 28 O ÍNTIMO É QUE VALE, Janet Thomas.
 - 40 O PRESIDENTE KIMBALL FALA SOBRE MINISTRAÇÃO AOS ENFERMOS, Presidente Spencer W. Kimball.
- ### SEÇÃO INFANTIL
- I - A ALEGRIA DE SER DIFERENTE, Sandra Skouson.
 - IV - DAVID O. MCKAY, 1872-1970, Howard Boughner.
 - VI - TEMPO DE COMPARTILHAR: CONTA AS BENÇÃOS, Pat Graham.
 - VIII - DE UM AMIGO PARA OUTRO, Joleen Meredith.
 - X - UMA PARTE PARA O PAPA-MEL, Kay L. Harvey.

NOTÍCIAS LOCAIS

- I - Uma Reunião de Contrastes
- II - As Eleições e a Igreja
- III - Novos Administradores do Alojamento do Templo
- IV - João Pessoa — Capital da Paraíba
- VI - Missionárias do Templo
- VII - Portugal que Nós Conhecemos
- VIII - "Algo Especial"
- IX - "E a Uns Deu Cinco Talentos"
- X - Primeira Semana de Artistas Mórmons
- XI - "Feira da Economia"
- XI - Uma Reunião de Economia Doméstica Diferente
- XII - Convite
- XII - Jovem Cantor SUD Grava Primeiro Disco
- XIII - Seminário de Medicina no Rio de Janeiro
- XIV - Três Primos na Mesma Missão
- XV - A Fé Associada ao Poder do Sacerdócio
- XVI - Por Que Sou Membro da Igreja

ILUSTRAÇÃO DA CAPA:

Presidente Gordon B. Hinckley

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D. P. F., sob o n.º 1151 - P 209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 400,00; Para Portugal: Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Av. Almirante Gago Coutinho, 93 — 1700 Lisboa. Assinatura anual: Esc 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea, US\$ 10,00. Preço de exemplar avulso em nossa agência: Cr\$ 40,00. As mudanças de endereço devem ser comunicadas indicando-se o antigo e o novo endereços.

A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do "International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número 93 do Livro B, n.º 1, de Matrículas e Oficinas Impressoras de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto n.º 4857, de 9-11-1930. "International Magazine" é publicado, sob outros títulos, também em alemão, chinês, coreano, dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês, inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e tonganês. Composição: Editora MM Ltda. — Rua Bueno de Andrade, 481 — Fone 279-5195. Impressão: Gráfica Editora Lopes — Rua Mancel Carneiro da Silva, 241 — Fone 276-8222 — Jardim da Saúde — São Paulo — SP. Devido à orientação seguida por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante, serão bem-vindas as colaborações para apreciação da redação e da equipe internacional do "International Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais. Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato, 2.430.



"FUI, PORTANTO, INSTRUÍDO..."

Presidente Spencer W. Kimball

O Senhor tem inspirado sua Igreja a dar grande ênfase à edificação da unidade familiar e da fé em Deus. Numa época em que a santidade do lar vem sendo invadida e o cuidado com as crianças considerado levemente, nós continuamos a ressaltar a urgente necessidade de os casais, pais e filhos, e os adultos solteiros longe de casa estudarem e viverem os princípios da verdade, com particular atenção para o cultivo do amor e harmonia no círculo familiar. Esse amor conseguirá resistir aos pesados ataques das hostes de Satanás nestes últimos dias.

Já no primeiro versículo do Livro de Mórmon, na opinião de Joseph Smith a pedra angular de nossa religião, é-nos ensinado o princípio correto da paternidade, "Eu, Néfi, tendo nascido de boa família, fui, portanto, instruído..." (1 Néfi 1:1.)

Ensinar as verdades do evangelho aos filhos é o papel divino dos pais. Conseqüentemente, solicitamos fosse lido em todas as reuniões sacramentais o pronunciamento a seguir:

"A Primeira Presidência dá ênfase constante à importância das noites familiares semanais, como excelente oportunidade para os pais ensinarem e fortalecerem seus filhos.

Além do estudo familiar do evangelho aos domingos, as segundas-feiras são reservadas para a noite familiar, que poderá incluir instruções quanto a princípios do evangelho, quanto ao amor, à harmonia, bem como outras atividades familiares."

Pedimos aos pais e líderes que dêem a máxima ênfase a esse tema, pois, como indivíduos e como povo, temos grande necessidade de viver mais próximos ao Pai Celeste e em constante espiritualidade. O autêntico lar SUD é um refúgio seguro contra as tormentas e lutas da vida. A espiritualidade nasce e é alimentada por preces diárias, estudo das escrituras, debates sobre o evangelho no lar e atividades correlatas, noites familiares, conselhos de família, trabalho e recreação em conjunto, serviço ao próximo e compartilhar o evangelho com nossos conhecidos. A espiritualidade é alimentada ainda por nossos atos de paciência, bondade e perdão para com os semelhantes e aplicação dos princípios do evangelho no círculo familiar. É no lar que nos tornamos peritos e entendidos na retidão, aprendendo e vivendo juntos as verdades do evangelho.

Lembro-me com carinho de nossas atividades familiares em minha juventude e depois com minha esposa e filhos em meu próprio lar. Sempre que se fazia alguma coisa, fosse

cantar, organizar um jogo, recitar uma Regra de Fé, contar uma história, compartilhar um talento ou cumprir uma designação, havia progresso e uma atmosfera agradável.

Recomendamos um exame atento e espiritual das sugestões que as autoridades gerais acharam por bem aprovar com referência ao planejamento de atividades para o dia do Senhor, noite familiar e durante a semana:

"No planejamento de nossas atividades domingueiras, podemos reservar tempo para estar reunidos com a família, para estudo e meditação pessoal e para servir ao próximo. Poderíamos ler as escrituras, discursos das conferências e publicações da Igreja; estudar a vida e os ensinamentos dos profetas; preparar as lições da Igreja e outros deveres eclesiásticos; escrever no diário; orar e meditar; escrever cartas ou visitar parentes e amigos; escrever aos missionários; ouvir boa música; ensinar o evangelho à família; realizar reuniões de conselho familiar; edificar o bom relacionamento conjugal; ler com uma criança; fazer pesquisa genealógica, incluindo o programa de quatro gerações e história pessoal ou familiar; cantar hinos da Igreja; ler bons livros; desenvolver nosso apreço pelas artes; planejar aulas e atividades para a noite familiar; planejar outras atividades familiares;

cultivar a amizade com não-membros; conviver com vizinhos; visitar doentes, idosos e pessoas sós; entrevisitar membros da família.

“As atividades de segunda-feira à noite podem incluir: quaisquer atividades sugeridas para o domingo; lições dos manuais de noite familiar; jogos familiares; eventos culturais; projetos de serviço da família; compartilhar talentos com os familiares; projetos de embelezamento do lar; jardinagem; inventário do suprimento para um ano; outros projetos de armazenamento de alimentos; projetos de produção doméstica; planejamento de férias e atividades especiais; reunião do conselho familiar; planejamento ou participação em programas de aptidão física; cultivo da amizade com amigos não-membros; atividades recreativas.” (Nossa Família: Guia Prático para Edificar-se um Lar Centralizado no Evangelho.)

Dando atenção a estas sugestões, os chefes de família poderão tomar decisões sábias e inspiradas. Esperamos que os adultos solteiros, casais, pais e filhos estejam aproveitando o tempo livre decorrente do programa de reuniões combinadas no domingo para tais propósitos. É preciso lembrar a fundamental importância de ensinar às crianças e uns aos outros as verdades do evangelho segundo se aplicam a um viver justo. Quão

*Temos grande
necessidade
de viver mais próximos
ao Pai Celeste
e em constante
espiritualidade.*

grande pode ser a influência desse tempo a cada semana — cultuando, aprendendo, debatendo e cumprindo propósitos justos e atividades adequadas no domingo; estando juntos na noite de segunda-feira para atividades, ensino ou outros objetivos justos e necessários no âmbito familiar.

Recomendamos que se deixem guiar pelo Espírito no aproveitamento desses preciosos dias e horas, de fato, no aproveitamento flexível de todos os dias e horas preciosas da vida.

Obviamente, nem todas as atividades possíveis são de igual importância, ainda que recomendáveis para o programa de desenvolvimento de uma unidade familiar espiritualmente equilibrada. Alguns interesses têm prioridade maior. Lembramos as palavras de Néfi, quando aconselha: “E falamos de Cristo, nos regozijamos em Cristo, pregamos a Cris-

to, profetizamos de Cristo... para que nossos filhos saibam em que fonte devem procurar o perdão de seus pecados.” (2 Néfi 25:26.) Quanta força interior haveria em toda pessoa, se ela soubesse que o Mestre e seus ensinoss são, de fato, sua grande fonte de orientação, a grande fonte do exemplo correto, a suprema fonte de ajuda! Este é nosso objetivo supremo de todo o ensino no lar.

Nosso Pai Celeste deu-nos a bênção da oração para ajudar-nos a ter êxito em todas as atividades tão importantes do lar e da vida. Eu sei que, orando fervorosa e retamente, a sós e como família, ao levantar pela manhã, quando nos retiramos à noite e na mesa de refeições, não nos sentiremos apenas mais unidos como família mas também cresceremos espiritualmente. Temos extrema necessidade do auxílio de nosso Pai Celestial, quando procuramos aprender as verdades do evangelho e depois vivê-las, quando buscamos sua ajuda nas decisões difíceis da vida. É principalmente no círculo familiar que nossos filhos podem aprender a conversar com o Pai Celestial, ouvindo seus pais fazê-lo. É pela experiência que aprendem a orar com sinceridade e fé.

O estudo das escrituras, individualmente e em família, é fundamental para o conhecimento do

*É de fundamental
importância ensinar
às crianças e uns
aos outros as verdades
do evangelho.*

evangelho. Ler diariamente as escrituras e debatê-las em conjunto vem há muito sendo sugerido como poderoso instrumento contra a ignorância e as tentações de Satanás. Tal hábito produzirá grande felicidade e ajudará os familiares a amarem o Senhor e reconhecer sua bondade.

Com respeito ao governo de nossa família, temos sido ensinados corretamente que o conselho familiar é o conselho fundamental da Igreja. Sob a direção do pai e da mãe, que também devem assentar-se em conselho, o conselho familiar é o local apropriado para discutir-se assuntos de família, as finanças familiares, elaborar planos, além de apoiar e fortalecer os membros da família. As autoridades gerais afirmam que “um clima de atenção, comunicação honesta e respeito pelas opiniões e sentimentos alheios é vital para o sucesso dessas reuniões”.

Renovamos nossa recomendação de que mantenham sua história individual e relato de experiências sa-

gradas em sua vida — orações atencidas, inspirações do Senhor, ministrações em nosso favor, registro de acontecimentos especiais em nossa vida. Tais registros podem fornecer-lhe proveitosas histórias edificantes para os debates em família. Histórias inspiradoras de nossa própria vida e da de nossos antepassados, bem como das escrituras e de nossa história são poderosos instrumentos de ensino. Prometo-lhes que, se mantiverem um diário e registros, eles serão uma fonte de muita inspiração pessoal, para seu cônjuge, filhos, netos e outras pessoas através de gerações.

Incentivamos pais e mães a abordarem nas reuniões e conselhos de família as principais atividades familiares com respeito à obra genealógica, missionária e de bem-estar. Os pais devem ensinar seus filhos a quererem cumprir missão e, mais tarde, se a saúde e outras condições o permitirem, eles próprios poderão planejar uma missão também. O Senhor nos falou muitas vezes do grande valor dessa atividade: “E agora, eis que te digo que a coisa de maior valor para ti será declarar arrependimento a este povo, a fim de que possas trazer almas a mim.” (D&C 15:6.)

Temos de continuar orando no lar pela oportunidade de divulgar o evangelho entre nossos conhecidos e para que o Senhor abra o caminho, a fim de que o evangelho se difunda

com mais poder e força e chegue a mais terras e corações preparados para recebê-lo.

Caso sigamos o programa da Igreja para nosso lar, os profetas passados prometeram que grandes bênçãos virão a todos os que piedosa e conscienciosamente aplicarem essas práticas em sua vida doméstica. Lembramos as instruções sensatas do Profeta Moisés que, houvessem sido obedecidas por Israel, tê-la-iam conduzido a um destino bem diferente. “E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração; e as intimarás a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa e andando pelo caminho, e deitando-te e levantando-te.” (Deuteronômio 6:6-7.)

Às vezes ouvimos desculpas como estas: “O tempo é pouco”, “Temos que cuidar de outras coisas na segunda-feira à noite”, “Somos velhos demais para apreciar as lições”, “Nossos filhos são muito pequenos para entender”, “Nossos filhos têm as tarefas escolares para fazer”, “Não conseguimos reunir todos os filhos”, “Não gostamos de restringir nossas atividades dessa maneira”, “Vivo só e não preciso disso”, “Nessa noite há ótimos programas de TV”.

Porque contender com o Todo-Poderoso, sendo ele tão forte e nós tão fracos, sendo ele onisciente e nossa visão tão restrita? Lembramos a escritura: “Uns confiam em carros e outros em cavalos, mas nós fare-

*Ler diariamente
as escrituras...
vem há muito
sendo sugerido
como poderoso instrumento
contra a ignorância.*

mos menção do nome do Senhor nosso Deus. Uns encurvam-se e caem, mas nós nos levantamos e estamos de pé.” (Salmos 20:7-8.)

Deus é nosso Pai e nós somos seus filhos. Ele nos deu instruções. A nós cabe segui-las. Uma vida familiar e atividades justas, o ensino inspirado do evangelho no lar, uma boa orientação paterna, o pai presidindo, e pai e mãe agindo de comum acordo — eis a cura para os problemas de nosso tempo, o remédio para os males em nossa família.

Quando houver, porém, desafios especiais, nós falharemos somente se desistirmos. Que nosso amor a cada membro da família seja incondicional. O Apóstolo Paulo aconselhou muito bem os pais, dizendo: “Pais, não irriteis a vossos filhos, para que não percam o ânimo.” (Col. 3:21.)

O Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith a chave para todos os pais, líderes e professores influenciarem aqueles que presidem: “Nenhum poder ou influência pode ou

deve ser mantido por virtude do sacerdócio, a não ser que seja com persuasão, com longanimidade, com mansuetude e ternura, e com amor não fingido; com benignidade e conhecimento puro, que grandemente ampliarão a alma, sem hipocrisia e sem dolo.” (D&C 121:41-42.)

É no próprio círculo familiar que precisamos primeiro aprender e aplicar essas verdades. Sobre esse assunto, disse o Presidente Joseph F. Smith: “Pais, se desejardes que vossos filhos sejam instruídos nos princípios do evangelho, se quiserdes que amem a verdade e a entendam, se quiserdes que sejam obedientes e ligados a vós, amai-os! E provai-lhes que os amais com toda palavra e ação. Para o vosso próprio bem, pelo amor que deveria existir entre vós e vossos (filhos), por mais rebeldes que sejam ou que algum deles seja, quando falardes ou conversardes com eles, não o façais com raiva; não com dureza, condenando. Falai-lhes bondosamente; ajoelhai e choraí com eles, se necessário. . . . Abrandaí seus corações; fazei com que sintam ternura por vós. Não useis o chicote nem de violência. . . . Abordaí-os com a razão, com persuasão e amor não fingido. Se não conseguirdes convencer vossos filhos e filhas com esses meios. . . . não haverá no mundo meios de conquistá-los.” (Elders Journal, Joseph F. Smith, 17 de outubro de 1911.)

Nosso Senhor e Salvador nos ensinou o caminho: “Um novo mandamento vos dou: Que vos ameis uns

aos outros; como eu vos amei a vós, que também vós uns aos outros vos ameis.” (João 13:34.)

Com esse espírito de caridade guiando seus motivos e ações, recairá sobre os pais a bênção descrita por Pedro: “Mas, sobretudo, tende ardente caridade uns para com os outros; porque a caridade cobrirá a multidão de pecados.” (I Pedro 4:8.)

Nossos filhos, conhecedores do grande amor que lhes temos, tenderão a sobrelevar nossas falhas como pais, sabendo, pela própria experiência, que nossa fidelidade a eles “é mais forte que os laços da morte”. (D&C 121:44.)

Num lar assim, no qual somos “benignos, misericordiosos, perdoando-nos uns aos outros” (Efésios 4:32), em que realizamos reuniões de noite familiar, debates e conselhos de família, no qual oramos, trabalhamos e brincamos, tendo o amor por principal motivo, no qual procuramos compartilhar o evangelho com os outros e cumprir os propósitos do Senhor, num lar assim reinará uma poderosa espiritualidade e unidade que fortalecerá todos os familiares durante a vida inteira.

Admoestamos seriamente todas as pessoas e todas as famílias na Igreja inteira a avaliarem novamente seu progresso na vivência dessas verdades. Sua aplicação ser-lhes-á escudo e proteção contra os males de nosso tempo e lhes proporcionará individual e coletivamente grande e abundante alegria agora e no além.

*Temos de continuar
orando no lar pela oportunidade
de divulgar o evangelho
entre nossos conhecidos.*

SUGESTÕES PARA OS MESTRES FAMILIARES

1. Conte uma experiência pessoal a respeito das bênçãos proporcionadas pela noite familiar ou convivência em família. Peça aos membros da família que contem experiências semelhantes.

2. O artigo cita passagens das escrituras ou outros trechos que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Debata a relação entre as atividades dominicais e de segunda-feira incentivadas neste artigo. Por que ambas são importantes? Por que é importante planejar antecipadamente e ser flexível na escolha das atividades?

4. Converse sobre meios de os familiares aproveitarem bem o tempo que passam juntos. Como cada familiar poderia tornar mais significativos os debates e atividades em família?

5. Seria preferível adiar esse debate para depois de ter conversado com o chefe da casa? O líder do quorum ou bispo tem uma mensagem especial para o chefe da casa a respeito do ensino de seus familiares?

O QUE O SENHOR REQUER DOS PAIS

**Responsabilidade
dos Pais —
Ensinar,
Dar Bom Exemplo,
Disciplinar e Amar.**

Elder Robert L. Backman
do Primeiro Quorum dos Setenta

Muitos pais esqueceram-se de suas experiências nos anos traumáticos da adolescência; procurando encontrar a própria identidade e o propósito da vida; preocupando-se com o desenvolvimento físico; às voltas com importantes decisões sobre seu futuro, seu trabalho, as garotas e seu relacionamento com Deus, Jesus Cristo e seus semelhantes; cheio de fé, porém duvidoso; independente, embora dependente; ansioso de experimentar suas asas, ainda que sentindo necessidade de segurança; impulsionado de lá para cá por forças opostas: familiares, colegas, professores, líderes, todo mundo; e tudo isso somado à sensação de que o tempo não tem limites.

Lembram-se?

Nosso Pai Celeste colocou o destino eterno dos filhos nas mãos dos pais, mais particularmente sobre os ombros da família. É uma responsabilidade que não pode ser delegada!

Numa bela revelação dada através de Joseph Smith, o Senhor declara que as crianças pequenas são inocentes e “que grandes coisas sejam requeridas de seus pais”. (D&C 29:48.)

Que grandes coisas o Senhor requer dos pais? Na qualidade de presidente geral dos Rapazes, vou dirigir-me diretamente aos pais dos adolescentes.

Ele Requer que os Pais Ensinem

Pais, como nos esquecermos da enorme responsabilidade, dada pelo Senhor, de criar nossos filhos em luz e verdade?

Em Doutrina & Convênios 68:25-28, o Senhor dá instruções explícitas sobre nossa responsabilidade patriarcal. Ele nos ordena:

1. Cuidar de que nossos filhos *compreendam* os primeiros princípios do evangelho.

2. Fazer com que sejam *batizados* aos oito anos de idade e recebam o dom do Espírito Santo.

3. Cuidar de que *façam* certas coisas: orar e “andar em retidão perante o Senhor”.

O Senhor diz que isto é “lei para os habitantes de Sião”.

Não é interessante o Senhor mandar que comecemos a ensinar nossos filhos enquanto são pequenos, antes de Satanás adquirir influência sobre eles?

Notem, também, que a responsabilidade de ensinar a verdade aos

nossos filhos não é dada à Igreja, escola, comunidade ou companheiros.

Como pais, temos o direito bem como a responsabilidade de ajudar nossos filhos a fazerem opções certas. Isto se aplica particularmente aos aspectos importantes da vida, como casamento, sexo e reprodução dentro dos conceitos sagrados do código moral de Deus. Em muitos casos, os jovens aprendem essas coisas dos amigos, um cego querendo

guiar outro cego, ou na atmosfera clínica das salas de aula.

Conheço um pai que tem um relacionamento maravilhoso com os filhos. As linhas de comunicação estão sempre funcionando, criando um vínculo de confiança e segurança bonito de se ver. Trabalhando na horta, certo dia de verão, ouviu seu filho tendo uma conversa séria com um amigo no lado oposto de uma sebe. O amigo fazia-lhe algumas perguntas que costumam preocupar-nos

(Ilustrado por Keith Christensen.)



*O Senhor manda que comecemos a ensinar nossos filhos
enquanto são pequenos,
antes de Satanás adquirir influência sobre eles.*





*"Se eu conseguir lembrar-me
do que aprendi
nessas caminhadas
pelas montanhas,
creio poder vencer
a jornada da vida."*



na adolescência. Em vez de responder-lhe, o filho indagou:

— Por que você não pergunta isso ao seu pai?

— Quer dizer que você fala com seu pai sobre essas coisas? — assombrou-se o amigo.

Quando entrevisto algum jovem que haja violado a lei moral de Deus, pergunto-me quantos desses casos não poderiam ser evitados, se houvesse uma boa comunicação com os pais e instrução moral consistente da parte destes?

Oh, como eu desejaria que os pais de hoje fossem como Adão e Eva que, segundo as escrituras, "fizeram saber todas as coisas a seus filhos e filhas". (Moisés 5:12.)

O pais precisam aprender a tirar proveito dos momentos oportunos quando aparecem, e até mesmo criar tais momentos. Isto exige tempo, convivência significativa e comunicação com outras crianças.

Recentemente, num jantar de escoteiros da Pátria, ouvi um deles falar a respeito do seu relacionamento com o pai que, além de genitor dedicado, era igualmente seu chefe de tropa:

"Nessas excursões, nosso chefe de tropa não tratava só de especialidades. Falava a respeito de Paulo durante as caminhadas, de Néfi enquanto sentados em torno da fogueira, sobre Abraão quando contemplávamos as estrelas e de Jesus de Nazaré antes de fazermos nossas orações e irmos dormir. E, de vez em quando, nos mandava orar sozinhos como Joseph Smith orou.

"Eu ouvia atentamente o chefe de tropa e procurava fazer o que ele dizia. Meu chefe de tropa é meu pai e quero ser igual a ele.

"Se eu conseguir lembrar-me do que aprendi nessas caminhadas pelas montanhas, creio que conseguirei vencer a jornada da vida."

*Ele Requer que Pais
Dêem Bom Exemplo.*

O Salvador mostrou-nos a importância do bom exemplo: "Na verdade, na verdade vos digo que o Filho por si mesmo não pode fazer coisa alguma, se o não vir fazer ao Pai; porque tudo quanto ele faz, o Filho o faz igualmente." (João 5:19.)

Toda família SUD tem o direito de ser guiada por um patriarca que exerça, com retidão, o poder do seu

sacerdócio, dando um bom exemplo à família, protegendo e fortalecendo-a com sua fé e devoção.

Os pais devem aos filhos um conjunto de padrões elevados e valores sólidos, e a melhor forma de transmiti-los é pelo exemplo.

O Presidente David O. McKay fez esta recomendação aos pais: "A melhor maneira de ensinar religião no lar é pela vivência, não pela pregação. Se quiserdes ensinar fé em Deus, demonstrai vossa fé; se quiserdes ensinar oração, orai pessoalmente. Quereis que sejam abstêmios? Então vós mesmos deveis evitar bebidas alcoólicas. Se quiserdes que vossos filhos levem uma vida virtuosa, tende auto-domínio e boa reputação, e dai-lhes um bom exemplo nessas coisas. A criança criada num ambiente assim, será fortalecida em suas dúvidas, questões e anseios que invadirão sua alma, quando alcançar o verdadeiro período do despertar religioso, aos doze ou catorze anos." (*Conference Report*, abril de 1955, p. 27.)

Sua vida reflete seu amor ao Senhor e seu evangelho, seu afeto por sua esposa e filhos? Vocês estão exercendo sua autoridade patriarcal no lar? Há quanto tempo deram uma bênção paterna a seus filhos? Faz quanto tempo que os entrevistaram? E quando prestaram-lhe testemunho pela última vez? Vocês estudam regularmente as escrituras em família? Costumam orar em conjunto e reunir-se na noite familiar? O espírito do evangelho é evidente no seu lar? Estão dando um bom exemplo?

Todo pai deveria poder dizer aos familiares: "Sigam-me como eu sigo a Cristo."

O Senhor Requer que os Pais Estabeleçam Parâmetros.

Pai e mãe precisam assumir o comando na família. Numa recente série de artigos escritos para a *Associated Press*, John Barbour dizia: "Os entendidos concordam numa coisa — um conjunto de regras claras emanadas do lar é o maior apoio que uma criança pode ter."

Nossos jovens não querem andar à deriva; eles querem segurança e um sólido esteio, limites, regras de vida — com oportunidades de realização. Querem saber o que se espera deles — realmente querem orientação.

Alguns de nós estamos tão ansiosos de dar aos filhos o que não tivemos, que deixamos de dar-lhes o que nós tivemos: uma família.

Ele Requer dos Pais Amor.

No Kansas, Estados Unidos, perguntou-se a dez mil estudantes secundários que pergunta fariam aos pais esperando uma resposta honesta, direta. Oitenta por cento replicou: "Você me ama?"

E a outra pergunta mais freqüente: "Se tivessem de começar novamente, iriam querer-me?"

Como é vital que os pais dêem aos filhos a certeza de seu valor pessoal, de que são amados e queridos.

Nós temos de amá-los incondicionalmente assim como o Senhor nos ama, empregando nosso tempo, energias, capacidade, compreensão e cuidados, para ajudá-los a reconhecer seu relacionamento com seu amoroso Pai Celeste e seu potencial divino.



*Os pais devem cuidar
de que os filhos
"sejam batizados
aos oito anos de idade
e recebam... o dom
do Espírito Santo".*



O Presidente Joseph F. Smith dá-nos este conselho: "Pais, se quiserem que seus filhos sejam ensinados acerca dos princípios do evangelho, se quiserem que eles amem a verdade e a entendam, se quiserem que sejam obedientes e unidos a vocês, amem-nos! E provem-lhes que realmente os amam através de todos os atos e palavras. Para seu próprio bem, pelo amor que deve existir entre vocês e seus filhos, por mais geniosos que eles sejam, nunca os repreendam ou conversem com eles num momento de raiva; nunca o façam com rispidez ou com espírito de condenação. Falem-lhes gentilmente; desçam até eles e chorem

com eles, se necessário, e façam-nos derramar lágrimas com vocês, se possível. Abrandem seus corações; façam-nos sentir amor por vocês. Não usem o chicote, nem sejam violentos... cheguem-se a eles com argumentos, persuasão e amor não fingido. Se não conseguirem conquistar seus filhos através desses meios... não haverá nenhum modo deixado no mundo pelo qual poderão conquistá-los." (*Doutrina do Evangelho*, p. 287.)

Ele Requer que os Pais Sejam Heróis

Na reunião geral do sacerdócio de abril de 1976, o Presidente Spencer W. Kimball citou Walter MacPeck: "Os rapazes precisam de uma porção de heróis, como Lincoln e Washington. Mas também precisam de alguns heróis junto de si. Precisam conhecer pessoalmente algum homem de intensa energia e integridade fundamental. Precisam encontrá-lo na rua, sair e acampar com ele, vê-lo e conviver com ele no dia a dia; sentir intimidade suficiente para fazer perguntas e conversar de homem-para-homem sobre todas as coisas." ("Os Rapazes Precisam de Heróis Junto de Si", *A Liahona*, agosto de 1976, p. 41.)

No âmbito do evangelho, tais heróis devem ser os pais.

No passado, os rapazes trabalhavam ao lado dos pais ajudando-os nas lides agrícolas ou conviviam com outros homens como aprendizes de algum ofício. Na sociedade urbana de hoje porém, os rapazes vivem afastados da terra e do mundo dos homens. Os pais saem cedo de casa para o escritório ou fábrica,

voltando tarde da noite. Grande parte de nossos rapazes ficam a maior parte do dia sem um modelo masculino.

Obviamente há casos em que não existe um pai no lar. As mães obrigadas a preencher ambos os papéis, não precisam desesperar-se; amor e atenção pessoal, conselhos nos assuntos que preocupam especificamente os rapazes, e oportunidades de trabalhar e divertir-se com parentes ou membros masculinos da ala, ajudam a preparar um filho para a função que desempenhará como homem. Que ninguém subestime a influência positiva de uma boa mãe sobre seus filhos.

Mas onde os pais existem, sua principal obrigação é aproveitar o tempo que passam com os filhos da melhor maneira possível, mostrando-lhes o caminho para uma vida rica e satisfatória. Pais, envolvam-se com seus filhos! Ajudem-nos a estabelecer metas significativas, tal como um testemunho do evangelho, desenvolvimento pessoal, missão, casamento no templo, profissão ou ofício interessantes. A seguir, ajudem-nos a alcançar essas metas. Incentivem-nos, instem-nos, guiem-nos, estejam ao lado deles, apoiem o que fazem, sirvam nos comitês deles, acampem com eles, interessem-se pelo que estão fazendo.

Orem em favor deles. Ao edificarem sua fé em Deus e em si próprios, buscando respostas para suas perguntas em oração, eles devem saber que o pai está orando por eles.

O imenso poder de uma oração paterna é exemplificado pelas petições de Alma em favor de seu filho rebelde:

“E disse ainda o anjo: Eis que o Senhor ouviu as orações de seu povo, e também as orações de seu servo Alma, que é teu pai; porque tem orado com muita fé a teu respeito, para que tu sejas levado ao conhecimento da verdade; portanto, para esse fim é que venho; para convencer-te do poder e autoridade de Deus, e para que as orações de seus servos possam ser respondidas, de acordo com sua fé.” (Mosiah 27:14.)

Possam nossas preces paternas serem tão fervorosas quanto as de Davi orando pelo filho Salomão: “E a Salomão, meu filho, dá um coração perfeito para guardar os teus mandamentos, os teus testemunhos e os teus estatutos; e para fazer tudo.” (I Crôn. 29:19.)

Pai é o título mais nobre que um homem pode ter. Ultrapassa a função biológica; significa patriarca, líder, exemplo, confidente, mestre, herói, amigo e, em última instância, um ser perfeito.

O Senhor requer grandes coisas dos pais, mas grandes são as recompensas. Quando nossos filhos atingem a maturidade tendo um sólido testemunho do evangelho, gozando um casamento no templo, respondendo a chamados do Senhor, criando seus filhos em luz e verdade, deixando uma marca positiva na sociedade através de seu dedicado serviço, experimentamos a suprema alegria de saber que cumprimos a nossa responsabilidade. Então sabemos apreciar, até certo ponto, as palavras de nosso Pai Celeste ao apresentar seu Filho: “Este é o meu Filho amado, em quem me comprazo.” (Mat. 3:17.)

LANÇAR A REDE

Derek Dixon

Sexta-feira à noite. A presidência do ramo estava em reunião. — Se não contássemos em nossos registros esses membros inativos de quem nada sabemos, declarou enfaticamente o secretário do ramo, nossos relatórios seriam bem melho-



res. O que podemos fazer a respeito? Algumas dessas famílias não aparecem na Igreja há trinta anos, nem têm intenção de fazê-lo.

Meus conselheiros puseram-se a debater a questão com o secretário. Fiquei calado por uns momentos, lembrando-me do lar em que fui criado, e das vicissitudes e inatividade de nossa família. . .

Garoto de dez anos, consumido pela curiosidade, encontrava-me sentado no chão do quarto de meus pais, certo dia, xeretando na última gaveta da cômoda. Lá encontrei um velho livro de capa preta, impresso em duas colunas, como a Bíblia. Mas não era a Bíblia, disso eu tinha certeza.

Folheeí algumas páginas. Vários versículos estavam sublinhados em vermelho. Li algumas dessas passagens. Uma delas me impressionou particularmente. Dizia:

“Os lamanitas rapavam a cabeça e andavam desnudos, com exceção da faixa de pele que usavam ao redor da cintura, da armadura que levavam sobre o peito, de seus arcos e flechas, suas fundas de pedras etc.

“E a pele dos lamanitas era escura, por causa da marca que havia sido posta sobre seus pais.” (Alma 3:5-6.)

*Sentado no chão do quarto
de meus pais, eu estava xeretando
na última gaveta da cômoda.*

Índios!, pensei. São os índios americanos! A passagem impressionou-me bastante. Reli e ponderei; depois li outras passagens do livro. Passado algum tempo, ouvi meu irmão me chamando; guardei o livro na gaveta e esqueci-me dele durante os doze anos seguintes.

Estávamos na II Guerra Mundial; anos tristes, difíceis; anos de filas, racionamento e falta de combustível; anos em que as crianças ficavam por conta própria, enquanto os pais combatiam na guerra. Anos em que velhos professores reconvocados do merecido descanso, viam-se obrigados a enfrentar classes superlotadas; e em que os alunos voltavam para casa ao anoitecer, para lavar a louça do almoço e preparar o jantar. Sobretudo, anos de solidão; na confusão da guerra, os pais seguiam um caminho, os filhos outro.

Passaram-se os anos. Fiquei hospitalizado durante quatorze meses. Depois voltei para casa com vinte e um anos de idade, noivo, desempregado e confiante de que no mundo haveria um lugar para mim.

Todavia, a despeito de minha confiança, o mundo continuava negro sob muitos aspectos. Mamãe encontrava-se internada num sanatório. Meu irmão estava deitado no grande quarto de cima que dividia comigo, convalescendo de um tipo de pleurise particularmente grave. Papai aparecia raramente em casa; passava todo seu tempo livre com mamãe no sanatório. Tínhamos uma irmã mais nova que ainda estuda-

va; era pálida e quieta, raramente ria.

Eu matava os dias lendo e caminhando, além de escrever longas cartas para vários amigos no hospital. Afora isso, os dias mostravam-se vazios e minha alma estava faminta. Certa tarde de abril, bateiram à porta e quando fui atender, encontrei dois senhores de capa escura e chapéu preto.

— Sr. Brady?

— Sim.

— Henry William Brady?

— Não, esse é o meu pai. Ele está trabalhando. Posso ajudá-los em alguma coisa?

— Bem, nós somos élderes da igreja de seu pai. Examinando os registros, encontramos o nome dele, e como ele não aparece faz alguns anos, viemos visitá-lo para ver como está.

— Bem, as coisas não andam muito boas para ele. Mas os senhores me deixaram curioso. Ele não põe os pés numa igreja, que eu sabia, há pelo menos vinte anos. De que igreja se trata?

— A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias. Seu pai é um diácono nessa igreja; e embora não a frequente há muitos anos, continua membro dela. Ele nunca lhe falou da Igreja?

— Nunca, que eu me lembre.

— Gostaria de saber mais sobre a igreja de seu pai?

— Sim, acho que sim. Sou bastante curioso.

— Hoje à tarde temos outro compromisso, mas poderíamos encontrá-lo em nossa capela amanhã, às quatro da tarde. Está bem assim?

Assim, recebi minha primeira preleção sobre o evangelho de Jesus Cristo na velha e gelada cozinha da casa de número 23 da rua Booth Street, Handsworth, Birmingham, Inglaterra. Terminada a aula sobre a Trindade, deram-me um pequeno folheto, A História de Joseph Smith. Levei o folheto para casa e joguei-o sobre a cama de meu irmão. Depois de lê-lo avidamente, guardou-o para ler de novo.

Em minha segunda visita a Booth Street, ensinaram-me a orar e eu tive minha primeira conversa hesitante e gaguejada com o Pai Celestial, as mãos molhadas de suor e o rosto em fogo. Levei outro folheto para casa, que desapareceu tão depressa quanto o primeiro.

Em minha terceira visita a Booth Street, apresentaram-me o Livro de Mórmon. O missionário prestou fervoroso testemunho dessa sagrada obra e, a seguir, entregou-me um exemplar. Manuseei-o por um momento e depois o devolvi.

— Não gostaria de lê-lo? — indagou surpreso.

— Gostaria muito mesmo, mas tomarei emprestado o do meu pai.

— Seu pai tem um?

— Tenho quase certeza que sim.

Na hora do jantar, quase não se falou até que eu quebrei o silêncio.

— Pai, será que poderia emprestar-me seu Livro de Mórmon?

Erguendo a cabeça assombrado, ele respondeu:

— Bem... sim. Vou pegá-lo para você depois do jantar.

E assim fez. Da última gaveta da cômoda, apareceu o conhecido livro preto que passou às minhas mãos sem comentário, porém fitando-me intensamente.

Li o livro inteiro em três dias, quase sem parar para comer ou dormir. Cada página era uma revelação, irradiando uma luz que parecia remover todas as negras sombras de minha mente. Eu sabia que o livro era de Deus. Ao lê-lo, eu voltara a ser o garoto sentado no chão do quarto, lendo os versículos sublinhados com lápis vermelho. Senti-me como alguém que volta para casa.

Quando terminei o livro, meu irmão o pegou, e depois minha noiva. Passado algum tempo, os três nos

*Dois senhores de capa escura
e chapéu preto
encontravam-se junto à porta.*





batizamos. Depois, como missionários de distrito, pregamos o evangelho a minha irmã; e toda vez que lhe testificávamos, ela ficava tão comovida, que suas lágrimas molhavam o tapete. Agora somos todos membros ativos da Igreja, e os três nos casamos no templo.

Mas restava um mistério.

Anos depois de minha conversão, ao visitar meu pai um dia, perguntei:

— Papai, por que nunca nos falou do evangelho?

Respirando fundo, olhou por um instante pela janela e depois respondeu:

*Da última gaveta da cômoda
apareceu o conhecido livro preto
que passou às minhas mãos
sem comentário.*

— Nunca mencionei o evangelho ou a Igreja a qualquer de vocês, porque não me julgava digno de fazê-lo. Porém, jamais deixei de orar para que algum dia fosse pregado a vocês por voz autorizada e se convertessem. Eu ansiava por essa bênção, a despeito de meus pecados.

— Na verdade, houve um tempo em que a família de meu pai era firme na Igreja. Meus pais se converteram no início do século e nos criaram de acordo com o evangelho.

Mamãe era presidente da Sociedade de Socorro. Mas, quando emigram para a Califórnia, em 1926, eu fiquei para trás para casar-me com sua mãe. Os pais dela eram inimigos ferrenhos da Igreja e, devido às pressões da época, logo me tornei inativo e perdi contato com a Igreja. Embora nunca duvidasse dela, passei a fazer coisas contrárias aos seus ensinamentos. Minha consciência me apoquentava por causa de vocês, crianças; mas, depois de se interromper uma comunicação, é muito difícil reatá-la. Sou grato por

vocês terem-se filiado à Igreja. Imagino que os élderes também se surpreenderam. Vieram em busca de um membro inativo e encontraram meus filhos interessados no evangelho.

Concluídas as reminiscências, voltei minha atenção para o problema apresentado na reunião da presidência do ramo. Eu sabia o que devíamos fazer.

— Irmãos, falei, obviamente temos muitos membros que parecem pesar em nossos registros e mostram pouca perspectiva de voltarem à atividade na Igreja. Mas, enquanto estão aqui, os missionários têm água para lançar a rede. Talvez alguns tenham o coração empedernido, outros estejam ressentidos ou até se voltem contra nós; mas, sem dúvida, a resposta está em lançarmos a rede. Muitas vezes não pescamos coisa alguma; mas a voz do Senhor há de sussurrar: “Lançai a rede para a banda direita”, e obedecendo, já não a conseguimos recolher devido à “multidão de peixes”. (João 21:6.) Concordam comigo?

Três mãos ergueram-se em solene concordância; então passamos para o ponto seguinte da agenda.

*Agora, somos todos
membros ativos da Igreja
e todos os três nos casamos
no templo.*



PERGUNTAS & RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação e não como pronunciamento oficial da Igreja.



Thomas P. Smith
e George D. Durrant

P. Meus colegas de trabalho costumam falar desrespeitosamente de mulheres. Na qualidade de SUD, como posso influenciá-los a ter a devida estima pelas mulheres?

R. Thomas P. Smith, bispo da Ala Miami II, Estaca Miami Flórida.

A pergunta apresentada envolve dois conceitos: primeiro, que respeito o homem *deve* à mulher; e segundo, como influenciar os outros positivamente em sua atitude para com as mulheres.

Como em tantas outras coisas, o próprio Senhor deu o exemplo de como se deve encarar e tratar a mulher. Nas escrituras, não encontramos nenhuma hesitação da parte dele de tratá-las livre e equitativamente, curando-as compassivamente, ensinando-as imparcialmente e conversando com elas abertamente; ele era liberal e justo, considerando-as filhas de pais divinos. O Senhor sempre tratou as mulheres com respeito, não como “mero brinquedo ou escrava do homem”; seu conceito de feminilidade fundamentava-se “na base eterna da verdade, direito, honra e amor”. (James E. Talmage, *Jesus, o Cristo*, p. 467.)

Esta é certamente a doutrina da Igreja — que a mulher não deve ser considerada serva do homem,

mas sua companheira e parceira numa unidade eterna — a família. O homem sem a mulher — ou a mulher sem o homem — não é completo e não pode receber a plenitude da exaltação. Partindo dessa premissa, é inconcebível que o homem considere a mulher menos do que ela é — filha de Deus e companheira dele para a eternidade. E não é preciso dizer que o Senhor não aprova qualquer referência imprópria à mulher.

Quanto à segunda parte, suponho existirem muitas táticas capazes de desestimular comentários injustos, grosseiros ou obscenos sobre mulheres — ou na verdade de usar linguagem imprópria, de qualquer espécie. Poderíamos intimidá-los; se fôssemos o chefe, poderíamos ameaçar despedi-los ou rebaixar de função. Ou então poderíamos usar de uma atitude antipática, ridicularizando e embaraçando os ofensores. Porém, estou certo de que nenhum desses meios estaria de acordo com o evangelho. A melhor maneira de influenciar os outros de modo positivo é pelo exemplo e bondosa persuasão.

Uma experiência pessoal talvez sirva para ilustrar o poder do exemplo:

Anos atrás, como oficial de polícia designado para uma área mal afamada, encontrei o problema de palavreado grosseiro entre meus companheiros e muitos moradores da região. Simplesmente me esforcei ao máximo em manter os padrões que nos ensinam, (1) recusando-me a usar linguagem imprópria, e (2) desencorajando-a, sempre que possível, sem ofender os outros. Logo passei a perceber que em minha presença evitavam usar termos grosseiros. Senti que os outros policiais respeitavam e honravam meu exemplo, embora não aceitassem seguir os meus padrões em minha ausência. Nunca solicitei tal deferência; ela era prestada quase que inconscientemente.

Acho que a ocasião em que mais apreciei essa deferência foi numa noite em que um cidadão de certo destaque na comunidade, bastante zangado, me acusou de excessivo rigor e violência ao impor-lhe uma multa de trânsito. Devido à posição desse homem na comunidade e para acalmá-lo, seria provável eu receber uma reprimenda. Entretanto, em sua queixa, o tal cidadão jurou que eu usara linguagem grosseira e praguejara. Meus colegas e superiores, sabendo que eu não faria tal coisa, imediatamente rejeitaram a acusação.

Acredito que, quando decidimos primeiro *como* vamos agir e depois seguimos e perseveramos no rumo escolhido, os que convivem conosco serão incentivados a seguir nosso exemplo. Muitas pessoas reconhecem o mérito de agir decentemente e algumas até comecem talvez a imitar-nos. Pelo menos começarão a compreender sua justeza e embora talvez não cheguem a aceitá-lo para si, elas respeitarão nossa maneira de agir e até insistirão em que os outros façam o mesmo. Se elas *aceitarem* nosso exemplo, seguirão esse curso muito depois de estarmos ausentes e se tornarão igualmente uma influência positiva.

Às vezes, sem dúvida, há necessidade de firmeza temperada com amor. Gosto do exemplo de um conhecido conferencista que, ao final de uma palestra para um grupo de estudantes universitários, respondia a perguntas da audiência. Um rapaz prefaciou sua pergunta tecendo comentários sobre os efeitos negativos da televisão na sociedade. Mencionou, em particular, as “mulheres e suas horríveis novelas”.

O conferencista não deixou o comentário passar em branco.

— Antes de tentar responder a sua pergunta, — declarou com voz bondosa, — quero dizer que não gostei do que falou sobre as mulheres e novelas. Acho que é uma generalização injusta e incorreta. E ainda que fosse verdade, nós, homens, temos tantos maus hábitos, que deveríamos ter extremo cuidado em fazer críticas. . . — e a seguir, prosseguiu respondendo à pergunta.

Ninguém dos presentes se ofendeu. Na verdade, uma onda invisível de aprovação percorreu a audiência, e o próprio rapaz concordou, reconhecendo seu erro sem estar ofendido. O resto do debate transcorreu num clima descontraído e franco.

Parece-me que apoiar o exemplo do Senhor não fica tão difícil assim, se feito dessa forma. Tenho por experiência que, seguindo este rumo, não apenas deixamos de ofender nossos amigos e colegas de trabalho com reparos e preleções, como lhes facilitamos respeitar nossos sentimentos e sentirem-se encorajados a modificar sua própria atitude. A influência positiva através do exemplo requer paciência, tolerância e longanimidade, mas é capaz de provocar mudanças.



P. Como um pai consegue dar realmente total prioridade à família além de magnificar seus chamados na Igreja?

R. George D. Durrant, representante regional, diretor da Divisão Genealógica do Sacerdócio da Igreja e pai de oito filhos.

Certa ocasião, enquanto servia como presidente de missão em Kentucky, tive de enfrentar um conflito direto entre uma atividade familiar e outra da Igreja. Aproximava-se o Kentucky Derby (a mais famosa corrida de cavalos dos Estados Unidos) e a família inteira vinha antegozando esse evento há semanas. Três dias antes do dia marcado, a conferência da Estaca Lexington foi antecipada, fazendo a reunião de liderança de sábado cair na data do Derby. No meio da semana, recebi um telefonema da autoridade geral

visitante, convidando-me para essa reunião como presidente da missão.

Durante a conversa, contei-lhe a respeito de nossos planos para aquele sábado e pedi sua opinião. Ele replicou simplesmente:

— Às vezes temos de optar.

O que vocês fariam?

O trabalho na Igreja requer frequentemente que o pai esteja ausente do lar. Estabelecendo prioridades, planejando e delegando, o pai consegue organizar suas atividades de modo que possa ser eficiente nos deveres da Igreja e estar em casa mais vezes do que seria lícito esperar.

Certos pais que passam tempo demasiado cumprindo designações eclesiásticas orgulham-se das longas horas longe do lar e consideram-nas um sinal de dedicação. Muitas vezes é dedicação, mas outras apenas simples desculpa para não ficar em casa. Alguns homens sentem-se mais à vontade nas atividades fora de casa do que com a própria família. Seria conveniente nós nos examinarmos para verificar se sob o disfarce de “dedicação”, não estamos deixando para a esposa nossa mais importante obrigação — nossa família.

Alguns acham que dedicando muitas horas ao serviço da Igreja, o Senhor os recompensará, cuidando de que tudo corra bem em casa. Todavia, pais fiéis na Igreja podem e às vezes de fato têm problemas graves no lar, e uma das razões pode

ser a falta de convivência entre pais e filhos.

Por outro lado, o pai que se julga realizado no lar, sai dele repleto de espírito de amor. Seu coração sente-se aquecido pelas chamas de afeto de seus familiares, tornando-o capaz de aquecer o coração de seus irmãos e irmãs. O homem que dedica tempo e energia suficiente às atividades familiares e se consagra igualmente ao Senhor e à edificação de sua Igreja, recebe o Espírito do Senhor. E é esse Espírito e não horas sem fim a serviço da Igreja, longe de casa, que garante o êxito nesse serviço.

Em minha opinião, certas reuniões de planejamento e liderança da Igreja se estendem demais. Certa vez, perguntou-me um líder da Igreja:

— É pontual ao dirigir reuniões?

— Sim, sempre inicio as reuniões na hora, respondi.

— Você é pontual?

— Nós costumamos começar na hora, insisti.

Ele repetiu a pergunta e quando viu minha perplexidade, explicou:

— Sei que começa as reuniões na hora marcada, mas as encerra pontualmente também?

Depois, acrescentou: Termine no horário previsto e permita que as pessoas voltem para casa. Aqueles que deixam de terminar a reunião na hora, acham-se tão errados quanto os que a iniciam com atraso.

Ocasionalmente um pai se desculpa por passar muito tempo longe de casa, dizendo: “O que importa não é a *quantidade* mas a *qualidade* do tempo que passamos em casa.” Esta alegação contém certa verdade, mas não devemos usá-la para acalmar a consciência que nos acusa de passarmos muito tempo longe da família.

Quando fui chamado como presidente de missão, temi não dispor de tempo suficiente para ser um bom pai de meus oito filhos, na época em que mais precisava de mim. Decidi que o chamado de pai era exatamente tão importante como o de presidente de missão. Quer dizer que, apesar de me dedicar à missão, teria de dobrar minha dedicação como pai.

Com isto em mente, uma de minhas primeiras providências foi amarrar uma boa corda num alto galho da enorme árvore que se erguia no jardim, para fazer um balanço. Esse balanço garantiu, de imediato, amiguinhos para nossos filhos menores.

Poucos meses após nossa chegada, participamos de um seminário para presidentes de missão. Perguntaram a cada um qual, na sua opinião, fora a melhor idéia posta em prática até então. Quando chegou a minha vez, afirmei:

— A melhor coisa que fiz até agora foi construir um balanço.

Todo mundo riu. Descrevi o balanço e expliquei que minha princi-

pal meta era ser um bom pai e que o balanço era símbolo desta prioridade. O líder apoiou minha atitude.

Descobri que arranjo mais tempo para minha família, lembrando-me de que brincar com as crianças não deixa de ser um trabalho eclesiástico. Enquanto fui presidente de missão, costumava freqüentar um parque de diversões com a família. Lá, ficava passeando pelo parque, com um sorriso no rosto e de mãos dadas com as crianças, comendo algodão doce. De vez em quando, ocorria-me o pensamento: *Espere aí, você é o presidente da missão. Não acha melhor voltar ao escritório?* Mas então, sorrindo, eu dizia a mim mesmo: *Ora, estou servindo à Igreja aqui, em companhia de meus filhos e minha esposa. Estamos-nos divertindo e hoje à noite poderei anotar em meu diário que acabo de realizar seis gloriosas horas de serviço eclesiástico.* Voltava ao algodão doce e deixava que as crianças me levassem para onde bem quisessem.

Trabalho eclesiástico com a família não quer dizer que se deve negligenciar os outros serviços na Igreja. Significa apenas cuidar de ambos — e você pode fazê-lo. Às vezes você passará um dia inteiro com os filhos. Outras, terão de contentar-se com dez minutos de brincadeira ou um aviãozinho de papel feito após o jantar.

Anos atrás, servi como bispo, enquanto trabalhava para o grau de doutorado além de um emprego de tempo integral. Buscando sucesso em tantas áreas, eu temia o insucesso como pai. Certa noite de domingo, demorei-me até tarde na capela para terminar umas tarefas. Ao apagar as luzes antes de ir para casa, subitamente me senti muito só. Era como se não conseguisse suportar por mais nenhum dia os pesados fardos que vinha carregando. Caí de joelhos junto ao púlpito e clamei ao Senhor. Abri-lhe meu coração, descrevendo detalhadamente minhas obrigações aparentemente insuportáveis. Ao terminar, permaneci de joelhos. Então ouvi o Espírito falando-me ao coração. Sua resposta resumiu-se a três breves frases, mas era tudo o de que eu precisava: *Vá em frente. Faça o melhor que puder. Ame sua família.*

Ao levantar-me, era um novo homem.

Desde aí, sempre que surgem conflitos entre minha família e meu trabalho eclesiástico, lembro-me dessas palavras e sigo o conselho recebido anos atrás de um grande líder da Igreja — “Às vezes, é preciso optar”.

Talvez nosso único erro aconteça quando optamos *sempre* por uma das coisas em detrimento da outra.

COMPARTILHAR

O NOVO TESTEMUNHO

Candy B. Stewart-Magee

Eu era uma recém-conversa presente à minha primeira reunião da Sociedade de Socorro. Era dia da aula de Viver Espiritual, e não conhecia ninguém. Ao terminar a lição, a professora anunciou que o tempo restante ficaria para a prestação de testemunho. Tive vontade de sair correndo. Eu estivera em apenas uma reunião de jejum e testemunho, sentindo-me muito constrangida.

Uma irmã levantou-se e prestou um testemunho, do qual não captei praticamente nada. Havia um forte rugido em meus ouvidos e meu coração batia tão alto, que tive certeza de se fazer ouvir na sala toda. De repente, vi-me de pé, e uma voz parecida com a minha se pôs a falar. Palavras simples — eu era membro havia poucas semanas, não conseguia acreditar que estava prestando testemunho e sentia por todas as presentes tamanho amor, que era um tanto incompreensível para mim. Minha voz soava rouca e eu chorava incontrolavelmente; mas o rugido nos ouvidos dera lugar a uma calma jamais sentida antes.

Quando terminei, levantou-se uma irmã que disse, com voz embargada de emoção, ser provavelmente o membro mais antigo presente e por sinal uma visitante. Fazia anos que não prestava testemunho, mas, ouvir alguém tão nova como eu testificar, induzira-a a fazê-lo. E assim continuou. O Espírito pairava qual nuvem sobre todas nós. Naquele dia, nenhuma irmã deixou de prestar testemunho.

Eu não podia desejar experiência mais comovente para me ensinar a importância de prestar testemunho. Isto me vem sustendo há anos.

APRENDER AS VERDADES SIMPLES

Patti Jean Angus

Quando fui chamada como professora da Primária, senti-me consternada e na minha garganta formou-se um nó dolorido. Conversa de poucos meses, esperara ser chamada para um cargo na Igreja. Mas, logo na Primária? Havia tanto outros cargos mais atraentes para uma estudante universitária. O que teria inspirado esse chamado? Aceitei com fingido entusiasmo.

Esperando minha vez de ser designada, implorei ao Pai Celeste que me ajudasse a compreender. As palavras da bênção deram-me a resposta — e o Espírito testemunhou delas: “Você foi chamada para lecionar na Primária, a fim de conhecer as belas e simples verdades que não pôde aprender como criança, por não ser membro da Igreja do Senhor. . .”

Ao sentir orgulho e dúvida abandonarem meu coração, fui tomada por um sentimento de amor — amor ao Pai Celeste e às crianças que me estava confiando. Jamais voltaria a duvidar de sua infinita sabedoria e afeto por mim.

SEIS PRATOS

Louanne Brown Barrett

Apenas seis pratos na mesa do jantar esta noite, e todas as noites em quase dois anos, e depois serão cinco pratos com a partida do irmão dele. Levará três anos e meio, até que haja novamente sete pratos nesta mesa.

A maioria dos rapazes sai de casa na idade dele, e não há melhor motivo para fazê-lo do que esta missão. Orgulho-me de sua dignidade e desejo de servir. Mas a mesa parece tão vazia. . .

Será que nossos pais celestes sentiram-se igualmente assim, quando partimos, embora nossa passagem para a mortalidade representasse progresso? Nosso nascimento na terra significou o fim de nossa lembrança deles, e tantos de nós nem sequer voltamos a pensar neles — ou comunicar-nos com eles quando podemos. Até eu, apesar de saber que deveria fazê-lo mais vezes. Quão grata sou pelos profetas e missionários que nos trouxeram a mensagem do evangelho e me conferiram o direito ao dom do Espírito Santo. Sou muito grata por ter a ventura de pôr seis pratos na mesa, para que a mesa do Pai fique mais cheia.

O ÍNTIMO É QUE VALE

**Ferido e terrivelmente queimado,
um jovem luta contra a adversidade.**



Janet Thomas

Peter Jeppson retirou a mangueira de gasolina da boca do tanque e com um ágil movimento de pulso apertou a tampa. Era sábado à noite, bastante tarde, e ele reabastecia o carro a caminho de casa depois de sair com a namorada. Continuava pensando na novidade — seu melhor amigo fora chamado para a missão. Dentro de poucas sema-

nas, ele próprio estaria encaminhando seus papéis.

Na intersecção para atingir a via expressa para Boise, Idaho, seu carro envolveu-se numa colisão frontal com outro. O forte impacto arrancou o pára-brisa e rompeu o tanque de gasolina cheio, localizado à frente do motorista.

O jato de gasolina passou pelo vão do pára-brisa, atingindo-me diretamente nos olhos, e me deixando encharcado bem como todo o interior do carro. Alguma faísca transformou tudo num inferno de chamas. Alguns passantes viram o acidente e pararam. Três deles conseguiram aproximar-se e abrir a porta do carro, mas não conseguiam ver-me devido à intensidade do fogo. Então atiraram os paletós dentro do carro, a fim de abafar as labaredas até verem minha mão. Foi por ela que me puxaram para fora, rolando-me pelo chão até extinguirem as chamas.

Peter tomara emprestada a grossa malha de lã escocesa do irmão para sair naquela noite. O tórax e os braços até os pulsos, área coberta pela malha, foram as únicas partes poupadas pelo fogo. Foi exatamente essa malha que lhe salvou a vida.

Em 1965, Peter vivia em sua cidade natal, Boise, Idaho, preparando-se para missão, como muitos de seus amigos. O dia do acidente mudou tudo, forçando-o a uma experiência que iria pô-lo à prova até o limite de suas forças. E foi seu triunfo sobre a adversidade que lhe mudou a vida.

Chegando ao hospital, o jovem médico que me atendeu fez o que pôde. Mas eu estava tão inchado, feito uma bolha, que se tornava difícil distinguir se eu estava deitado de costas ou de bruços. Procurando

nessas condições algum sinal de vida, nada encontrou e acabou dando-me por morto. Cobriu-me com um lençol e levou-me de volta à entrada do pronto-socorro. E lá fiquei deitado numa maca. Justamente quando passava uma enfermeira, meu braço moveu-se ligeiramente debaixo do lençol. Um tanto alarmada, reuniu todas as forças e levou-me de volta à unidade de terapia intensiva.

Seguiram-se sete semanas de sofrimento excruciante. Peter foi considerado desenganado. Equipes de enfermagem e médicos eram obrigados a revezar-se. Aos poucos, Peter foi se aproximando dos limites da consciência.

Eu conseguia ouvi-los falar. Parecia uma ilusão devido às dores fortíssimas. Minha mente estava como que envolta numa nuvem. Ouvi o médico dizer a mamãe que não havia nenhuma chance de eu sobreviver. Ouvindo isso, fiquei louco de raiva. Queria levantar-me e bater nele. Lembro-me de tentar sair da cama, mas eles me amarraram. Jamais conseguirei esquecer o que senti, ouvindo o médico dizer: "Não sei como resistiu até agora. Não há nenhuma chance de que se salve."

Ao cair em coma, lembro-me de que foi como se estivesse morrendo. Isso se repetiu muitas, muitas vezes, apenas não conseguia recordar as outras vezes. Lembrava-me somente daquilo por que estava passando. Ao

deslizar para a inconsciência, eu estava tão furioso com o médico, que disse: "Vou provar-lhe que não morro. Vou continuar vivendo."

A dor era tamanha, que prometi a mim mesmo que, antes de desistir, eu contaria até dez. Procuraria chegar até dez antes de morrer. Quando chegava aos cinco ou seis sentia-me desfalecer e dizia: "Tenho de chegar até dez."

Muito lentamente as condições de Peter foram estabilizando-se. Com braços e pernas amarrados para evitar sangramento, e os olhos vendados, o médico contou-lhe o que acontecera. No acidente ele havia deslocado um braço e uma perna, fraturado três costelas, sete ou oito dedos e a mandíbula; além de séria concussão cerebral, perdera metade da pele, e outros quarenta por cento apresentavam queimaduras de primeiro e segundo grau. Mas o que Peter queria saber mesmo, era se voltaria a enxergar.

Ouvi o médico saindo, sem responder à minha pergunta. Fiz meu braço balançar. Devo ter chamado sua atenção, pois voltou e perguntou: "O que é, Peter?" Só pude dizer: "Meus olhos, meus olhos, meus olhos." Ele restringiu-se a apertar de leve meu braço, sem dizer nada. Compreendi. Era claro que jamais voltaria a enxergar. Percebendo que chorava, compreendi que a situação era grave.

*O jato de gasolina
passou pelo vão
do pára-brisa,
deixando-me encharcado,
bem como todo
o interior do carro.*

Peter passou meses no hospital em lenta recuperação. Na verdade, seriam doze meses de internação contínua, além de muitos meses mais, entrando e saindo dele devido a dezenas de operações. Uma das primeiras cirurgias foi para remover os tecidos cicatriciais dos olhos. Terminada a intervenção, deitado na sala de recuperação, Peter sabia que o momento da verdade seria na manhã seguinte, quando removessem as ataduras para examinar-lhe os olhos.

Desperto e só no meio da noite, Peter ficou pensando no que estava para vir.

Não consegui imaginar a cena quando meus olhos fossem examinados. Se conseguisse enxergar, que grande momento seria! Mas, e se eu estivesse cego? Seria o fim da esperança.

Desajeitadamente, por estar com as mãos enfaixadas, Peter começou a tirar as ataduras dos olhos. Com esforço, conseguiu pegar uma bacia ao lado da cama e colocá-la sobre o peito. Seu plano era refletir a luz da lâmpada acima de sua cabeça dentro dos olhos. Ao ligar o interruptor, a luz explodiu dentro de seus olhos. Ele enxergava! Quando a visão se adaptou ao quarto em penumbra, ele voltou a erguer a bacia reluzente.

Em meio àquele entusiasmo, vi o rosto horrendo. Como disseram os médicos que eu não tinha esperança de salvar-me, os familiares não me

havam falado de certas coisas. Eu não sabia que havia perdido uma orelha, as pálpebras e minhas feições. Não tinha mais nariz, nem lábios. Na minha excitação em querer saber se enxergava, eu nem pensara no que iria ver. Foi demais. E comecei a gritar.

Atribulado por novos dilemas, Peter passou a noite inteira conversando com uma enfermeira bondosa, querendo saber o que poderia ser feito. Quais eram os planos? Como iria ser, quando saísse do hospital? O que aconteceria, quando entrasse numa loja? Ou fosse a um baile? E se quisesse dançar com uma garota? E se gostasse de uma moça? Se quisesse beijá-la? De repente, pôs-se a rir. A enfermeira quis saber o motivo.

Subitamente, lembrei-me de uma coisa. Recordei outra ocasião em que me olhei num espelho preocupado com minha aparência. E comecei a dar risada.

Perto dos dezesseis anos, tive oportunidade de ir a um baile. Era a primeira vez que usaria um smoking. Que maravilha! Mal completara dezesseis anos e havia convidado uma garota toda especial para me acompanhar. Era a primeira vez que levaria uma garota para jantar. Eu estava tão preocupado! Como não queria atrasar-me, lembro-me ainda de que comecei a me vestir às duas da tarde. Justamente quando ia atar a gravata borboleta, percebi uma

coisa horrível acontecendo no meu queixo. Não, essa não! Corri para o espelho. Bem ali, no lado esquerdo, estava nascendo uma espinha. Fiquei furioso. Por que justamente hoje? Não podia ter esperado até amanhã? Qualquer dia, exceto hoje. E vão tirar fotografias! Tentando corrigir o problema só piorei a situação.

*Tinha perdido
uma orelha, as pálpebras
e minhas feições.
Não tinha mais nariz
nem lábios.*

Quando chegou a hora de apanhar minha namorada, coloquei-me de modo a mostrar-lhe sempre o lado direito do rosto. Durante o baile inteiro, ela ficou perguntando para quem eu estava olhando. Como eu estava embaraçado! Para finalizar, fomos a um restaurante. Eu fiquei numa mesa grande para dez pessoas, a fim de estar a sua esquerda e ela não ver a espinha.

E agora, deitado no hospital, eu recordava como fora tolo. Aqui estava eu, depois de lutar pela própria vida, embora essa vida não valesse grande coisa. Na verdade, a coisa estava péssima, embora pudesse enxergar. Orei agradecendo ao Pai Celeste por haver atendido à minha prece. Não havia realmente nenhuma esperança de eu poder enxergar novamente. Nunca me esquecerei, porém, da minha tolice por causa de uma espinha.

Enquanto no hospital, Peter tinha muito tempo para pensar no que fazer. Ainda faltava um longo e penoso caminho até receber alta. Foi du-

rante esse tempo que vários bons amigos o ajudaram a estabelecer metas e aprender a controlar-se. Um, em particular, era da sua ala, o irmão Lawrence Oburn. Ele vinha visitar Peter com frequência e sempre o incentivava a estabelecer uma meta. A princípio, Peter não quis tentar. O irmão Oburn insistia, dizendo: — É o íntimo que conta, não a aparência externa.

Lembro-me ainda de como fiquei zangado. Respondi sarcasticamente: — Então por que não se queima e vem para cá? Pude ouvi-lo chorar, embora estivesse com a cabeça envolta em ataduras. Assim que falei, arrependi-me do que disse, pelo muito que ele fizera por mim. Ele respondeu: — Peter, se fosse possível, eu o faria. Foi então que compreendi o quanto ele me amava, como a um filho. Aí decidi fazer tudo o que me pedisse.

Eles escolheram uma meta. Peter contaria os pontos dados durante cada cirurgia. Os médicos e enfermeiras pediram licença para parar pouco antes de chegarem a dois mil.

Peter estabeleceu nova meta — contar as injeções. Desistiu aos 1252. Estabeleceu uma terceira — ser o paciente mais entusiasta do hospital. Embora muitas vezes sentisse raiva do mundo, procurava manter sua meta. Quando pôde deixar o hospital, o pessoal de lá entregou-lhe uma placa, nomeando-o o paciente mais animado que tiveram.

Outra amiga, uma moça da sua ala, vinha ler para ele depois das aulas. Apesar de não terem grande amizade antes do acidente, agora ela se dispunha a dar de seu tempo para ajudá-lo. Muitas vezes ele se sentia envergonhado por saber que, se fora o contrário, ele não estaria lá para ajudá-la.

E se ela estivesse no hospital com queimaduras? Era um pensamento horrível que não conseguia afastar da sua mente. Eu estaria ao lado dela? Eu não me considerava um sujeito mau. Trabalhava para ter dinheiro para o meu carro e me vestir. O que me fazia chorar interiormente é saber que eu não estaria lá com ela. E no entanto, quanto serviço não me estava prestando! Jamais conseguí contar-lhe como eu me sentia por dentro; então, assumi um grande compromisso: além de ser o paciente mais animado do hospital, eu tentaria retribuir sua ajuda. Quando saísse do hospital, quando pudesse andar, enxergar, fazer coisas, tentaria retribuir, servindo a outras pessoas.

Quando me vi livre do hospital e saí em busca de pessoas com problemas e tentei ajudá-las, distanciei-me dos meus próprios e deixei de pensar só em mim e espojar-me na autopiedade. Comecei a aprender a grande lição — o mais importante é o que está dentro de nós. A beleza vem de dentro.

Depois de receber alta do hospital, Peter foi para a Cidade do Lago Salgado, a fim de submeter-se a cirurgias plásticas. Ficaria morando com seu irmão e cunhada e começaria a trabalhar na realização de seu maior desejo — ser normal.

Peter, porém, estava deixando a segurança do hospital. Lá as pessoas compreendiam o acontecido e aceitavam-no pelo que era. Agora tinha de enfrentar o mundo onde as pessoas davam mais importância às aparências. Uma amostra do que isso seria aconteceu, quando foi a uma mercearia pela primeira vez após o acidente. Ele sentia-se animado por encontrar-se livre do hospital; suas forças estavam voltando. Caminhou até a mercearia para comprar umas poucas coisas. Eram cinco da tarde e todas as caixas estavam ocupadas.

Eu estava na fila, atrás de uma senhora. Seus dois filhos pequenos continuavam correndo por ali. Finalmente, chegando sua vez de pagar, as crianças vieram correndo. Chegando perto da mãe, o garotinho de uns quatro anos levantou os olhos e deu com a minha cara. Ficou tão assustado, que começou a berrar: "Monstro, monstro!" e saiu disparado. Ela voltou-se para ver o que estava acontecendo e quando me viu, deixou cair as compras e saiu correndo atrás do garoto. Com os gritos, o resto do pessoal nas outras caixas ficou curioso. Tudo parou e todos se voltaram para me olhar. Seguiram-se as inevi-

táveis exclamações e comentários perfeitamente audíveis para mim. Senti como que uma faca cortando meu estômago.

Nessa época, Peter estava passando por uma série de vinte e oito cirurgias de reconstrução do rosto e correção de problemas decorrentes do acidente. Um dia, o bispo perguntou-lhe o que faria, se pudesse fazer o que quisesse.

As palavras me escaparam por tratar-se de meu maior desejo, embora parecesse totalmente impossível. Respondi: — Gostaria de sair em missão. E sem pensar duas vezes, ele disse: — Bem, então vamos nos preparar. Eu atalhei: — Mas, bispo, eu não posso. Pus-me a desfiar minhas condições financeiras, o quanto eu devia, que minha perna ainda não estava em ordem e todas as operações que me esperavam e a reação das pessoas quando me viam. Ele, porém, apenas disse: — Vamos nos preparar.

O bispo chamou Peter para lecionar na Escola Dominical e, depois de alguns incidentes constrangedores, ele colheu ótimas experiências como professor da classe de Doutrina do Evangelho. Tinha vários empregos para ajudar a pagar as contas hospitalares. Diversas cirurgias já estavam programadas; ele começava a pensar seriamente no seu futuro. Um dia, alguns amigos convidaram-no para ir com eles a um baile da estaca. Embora querendo ir, recusou.

*Na época em que
passava por vinte
e oito cirurgias
de reconstrução
do rosto,
Peter disse ao bispo
que gostaria de
cumprir missão.*

Eles levaram seis horas para convencê-lo.

Ao entrar no saguão, percebi que toda a garotada ficou olhando para mim e reparei em algumas garotas paradas perto dos cabideiros. Duas delas ficaram cochichando, sem perceber que eu podia ouvi-las: — “Puxa, veja aquele sujeito. Só espero que não me queira tirar para dançar.” E mais uma vez um sentimento horrível tomou conta de mim. Descobri um cantinho junto da rapaziada, perto da orquestra: sessenta centímetros quadrados que seriam meu território durante todo o baile.

No intervalo, os amigos procuraram animá-lo a dançar. E ele acabou resolvendo que, assim que a música comesse, ele tiraria uma moça.

Quando a música começou, recordei meu compromisso e fui para o salão, recusando-me a pensar em minha aparência. Eu sabia que, se não fosse naquele momento, perderia a coragem para o resto da noite.

Ele chegou à parte do salão onde se agrupavam as moças. Aproximou-se de uma delas pelas costas. Quando a tocou no ombro para pedir-lhe a dança, ela se voltou e deu um grito. Embaraçada, saiu correndo do salão, abrindo caminho entre a multidão. Foi como na mercearia. A orquestra parou de tocar; todo mundo parou para ver o que havia. Ele voltou para seu canto. Os amigos pro-

curaram consolá-lo, e a música voltou a tocar.

Tive vontade de gritar, sair dali a todo custo. Mas uma vizinha teimosa dizia dentro de mim: "Peter, se fugir agora, ficará fugindo pelo resto da vida." Então aconteceu outra coisa estranha — minhas pernas se puseram em movimento. Vi-me convidando outra garota para dançar. Era uma força além do meu poder. Era como se meu espírito me observasse, dizendo: "O que está fazendo? Volte. Não se farta de punição?" Enquanto eu cruzava a pista de dança, prosseguia a discussão interior de sim e não, sim e não. E a pequena voz interior continuando a me incentivar: "Peter você tem de insistir. Não se acovarde, porque, senão, continuará fugindo pelo resto da vida."

Durante o resto do baile, ele convidou uma garota a cada dança. Só duas aceitaram. Naquela noite, ao ajoelhar-se para orar, Peter estava amargurado.

Tudo parecia acontecer ao mesmo tempo — a pressão das pessoas, a maneira de me tratarem, fitarem e apontarem, além das muitas cirurgias que me esperavam. Eu não tinha certeza se realmente conseguiriam corrigir meus olhos e devolver-me pálpebras, um nariz e boca normal. Fui dominado pelo complexo de feiura e, em minha raiva, disse ao Pai Celeste: "Uma escritura prome-

*O Pai Celeste
abençoou-me com uma
paz e tranqüilidade
que não mais me
deixaram até hoje.*

te que não seremos tentados além de nossa capacidade de resistir. É disso que preciso agora.” Fui dormir. Acordei na manhã seguinte, sentindo uma paz e tranquilidade que não mais me deixaram até hoje. E independente de como o mundo me tratou desde aí, eu me sentia normal. Meu Pai Celeste simplesmente deu-me a paz prometida. Se vivemos os mandamentos, ele nos dá o que precisamos. A mim deu-me paz e tranquilidade, para que eu fosse normal desde aquele dia. Sim, as pessoas continuavam reagindo da mesma forma, mas eu estava mudado.

Com sua autoconfiança estabelecida em base espiritual, Peter estava pronto para preparar-se para a missão. Depois de encaminhar os papéis e submeter-se a uma entrevista especial com o Élder Thomas S. Monson, Peter recebeu seu chamado para a Missão Califórnia Norte.

Até então Peter sempre usara óculos escuros, a fim de disfarçar seus olhos fendidos para compensar a falta de pálpebras. Constrangido por sua aparência, não ia a lugar nenhum sem os óculos. A caminho da entrevista para a missão, ele tirou os óculos escuros e nunca mais voltou a usá-los. Posteriormente o problema da falta de pálpebras foi corrigido cirurgicamente.

Sua nova atitude para consigo ajudou-o a fazer uma excelente missão. Ele era capaz de influenciar as

pessoas e incentivá-las a se batizarem na Igreja.

Quando terminou sua missão, Peter imediatamente retomou a rotina de trabalhar e internar-se no hospital para mais cirurgias plásticas. Nessa época, foi chamado para uma missão de estaca. Foi então que conheceu Marjorie Clegg, de Tooele, Utah, secretária do presidente da missão da estaca. Tornaram-se bons amigos e Peter começou a arranjar encontros para ela com seus amigos. Finalmente, Marjorie, cansada de tantos encontros, pediu-lhe que parasse com aquilo. Então o próprio Peter convidou-a para sair com ele. E assim, a amizade acabou-se transformando em amor e eles se casaram.

Com exceção da primeira vez que me viu, Marjorie nunca pareceu reparar em minhas queimaduras. Eu percebo quando as pessoas notam que sou diferente. Jamais notei que Marjorie fizesse distinção entre meu ser exterior e interior. Ela me faz sentir bem apossado. Eu a amo não só por ser minha querida, mas por ser também minha melhor amiga. Ela é a garota que me considera pelo que sou interiormente, e que pedi em oração. Era alguém assim de que eu precisava, já que não iria muito longe com minha aparência exterior.

A partir do acidente que poderia ter sido devastador para quaisquer empreendimentos futuros Peter Jepson lutou contra a adversidade pa-

ra conseguir sucesso nos negócios, como líder da Igreja, marido e pai. Ele agora tem sua própria corretora de seguros e investimentos, serviu na junta geral dos Rapazes e é pai de três filhos, duas meninas e um garoto.

Enquanto deitado no hospital com apenas dezenove anos, procurando imaginar como seria o seu futuro, Peter indagou de si mesmo: "O que eu teria de fazer para provar que superei meus problemas?" Influenciado por alguns livros sobre estabelecimento de metas que amigos lhe haviam lido, enquanto ainda se encontrava com os olhos vendados, ele decidiu que, se conseguisse ter sucesso na venda de seguros de vida, isto significaria que (1) era capaz de desenvolver boas relações com pessoas, individualmente, (2) era instruído e (3) teria provado sua credibilidade e capacidade em uma área.

Com esse objetivo em mente, Peter pôs-se a pesquisar companhias de seguros. Entrou em contato com cinquenta e nove companhias, sem conseguir uma simples oferta de emprego. Finalmente conseguiu o cargo de gerente de planejamento numa seguradora. Era apenas um começo. Com persistência, trabalhando muito e estudando ao mesmo tempo, Peter começou a enfronhar-se no ramo.

Quando se casou, Peter já havia saldado todas as suas dívidas com médicos e hospitais, mas começava

*A partir do acidente
que poderia ter
sido devastador para
quaisquer empreendimentos
futuros, ele lutou
contra a adversidade,
para conseguir
sucesso nos negócios,
como líder da Igreja,
marido e pai.*

a vida conjugal sem nada além de sua confiança e atitude positiva. Partindo do nada, conquistou com determinação e disciplina tudo o que a família possui hoje.

Hoje, Peter, Marjorie e os filhos mantêm um diário pessoal no qual anotam os progressos em direção às metas. Sendo muito pequenas para saberem escrever, Marjorie se encarrega de escrever por elas.

De compleição magra e atlética, Peter conta que uma de suas metas neste ano é correr três quilômetros em dezesseis minutos. E ele conseguiu.

Recostado na poltrona e olhando pela janela de seu escritório em prédio próprio, Peter irradia confiança. Entretanto, essa confiança não veio com facilidade. Muitas vezes teve de lutar para vencer certa depressão.

— Quando tudo aquilo me acontecia, — diz ele, — percebi que, quando as coisas andam ruins, a gente pode adquirir o hábito de irritar-se com qualquer coisa, se não tiver cuidado. Ou ficar deprimido para sempre.

— Quando a gente se leva muito a sério, — continua, — é realmente um grande problema. Certas pessoas costumam permitir que qualquer coisa que lhes aconteça vire rotina. Acostumam-se a reagir ao mundo de certa maneira. Portanto, se a pessoa é gorda ou magra demais, muito alta ou tem dentes salientes, não impor-

ta. Todos nós temos problemas. Veja por exemplo, uma moça linda que aparentemente tem o mundo a seus pés. Ela também pode ter problemas, interiormente. Todos temos problemas. O que importa não são os problemas, mas como nós os enfrentamos.

Embora Peter tivesse preferido que o acidente não acontecesse, ainda assim aprendeu com a experiência.

— Sejam gratos por suas provações, — diz ele, — porque é com elas que se aprende. Viemos à terra a fim de operarmos nossa salvação. Isto quer dizer t-r-a-b-a-l-h-o. A beleza provém da busca da salvação, de estarmos perto do Senhor.

Capaz de colocar as pessoas imediatamente à vontade, Peter é, na verdade, um homem simpático. Suas qualidades interiores são mais aparentes que as cicatrizes externas. Aquela noite distante em que orou para se livrar do complexo de feiura, modificou sua vida. Aprendeu a enfrentar a adversidade e recebeu paz de espírito.

Quando indagado se teria algum conselho para seus semelhantes, Peter disse:

— Se quiserem determinada coisa, aprendam as leis e mandamentos que a governam e sigam-nos. O sucesso não tem nada a ver com circunstâncias. Aprendam as leis e vivam-nas.

O PRESIDENTE KIMBALL FALA SOBRE MINISTRAÇÃO AOS ENFERMOS

“Cremos nos dons das línguas, profecia, revelação, visões (e) cura.” (Sétima Regra de Fé.) Quando o Salvador mandou que seus apóstolos pregassem e convertessem o mundo após sua ascensão, deu-lhes esta incumbência:

“Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda a criatura.

“Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado.

“E estes sinais seguirão aos que crerem: Em meu nome expulsarão os demônios, falarão novas línguas;

“... e, se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum; e *porão as mãos sobre os enfermos e os curarão.*” (Marcos 16:15-18; grifo nosso.)

O Senhor promulgava, assim, o princípio eterno de que, onde estivesse presente o seu sacerdócio e

houvesse fé haveria sinais de poder, não para impressionar o povo, mas para abençoá-lo. Este princípio eterno foi compreendido pelos discípulos do Senhor nos tempos antigos. Diz Tiago:

“Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor;

“E a oração da fé salvará o doente...”

“... a oração feita por um justo pode muito em seus efeitos.” (Tiago 5:14-16.)

Quando João Batista, definhando na prisão, enviou mensageiros ao Senhor a fim de perguntar-lhe: “Ês tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?” (Mateus 11:3), a resposta do Senhor foi: “Ide e anunciai a João as coisas que ouvis e vedes:

“Os cegos vêm, e os coxos andam; os leprosos são limpos, e os



surdos ouvem; os mortos são ressuscitados e aos pobres é anunciado o evangelho.” (Mateus 11:4-5.)

Aos setentas, que enviou a todas as cidades e lugares aonde ele havia de ir, deu a incumbência de curar os enfermos que neles houvesse e dizê-lhes: “É chegado a vós o reino de Deus.” (Lucas 10:9.)

E quando os setentas retornaram jubilosos, dizendo: “Senhor, *pelo teu nome*, até os demônios se nos sujeitam”, o Salvador respondeu:

“Eu via Satanás, como raio, cair do céu.

“Eis que vos dou poder para pisar serpentes e escorpiões, e toda força do inimigo, e nada vos fará dano algum.

“Mas não vos alegréis porque se vos sujeitam os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.” (Lucas 10:18-20.)

“E expulsavam muitos demônios, e ungiam muitos enfermos com óleo, e os curavam.” (Marcos 6:13.)

O uso de óleo na administração e bênção parece ter sido habitual desde os tempos mais antigos. Jacó derramou óleo sobre a pedra que usara como travesseiro ao ter manifestações espirituais. Usava-se óleo na unção dos reis. Quando Saul foi designado rei sobre Israel pelo Senhor,

ele foi ungido por Samuel, da tribo de Benjamim.

O famoso Salmo 23 menciona o uso de óleo: “Unge a minha cabeça com óleo.” (Vers. 5.)

A utilização de óleo nas curas é mencionada muitas vezes, mas não sempre. Se era ou não utilizado nesses casos, não o sabemos, mas o costume e prática estão comprovados. As bênçãos podem ser dadas com ou sem óleo.

A administração propriamente dita é uma ordenança composta de duas partes — a unção e o selamento. Um élder verte um pouquinho de óleo sobre a cabeça da pessoa a ser abençoada, no alto do crânio, se possível, jamais em outras partes do corpo, e unge a pessoa para restauração da saúde em nome do Senhor e pela autoridade do sacerdócio. O selamento é feito por dois ou mais élderes, um dos quais, agindo como porta-voz, sela a unção e profere uma bênção apropriada, igualmente em nome de Jesus Cristo e pela autoridade do sacerdócio.

Se não houver óleo disponível, ou dois irmãos presentes ou quando o enfermo tiver sido ungido recentemente, usa-se outro procedimento, a saber — um ou mais élderes dão uma bênção, igualmente em nome do Senhor e pela autoridade do Sacerdócio de Melquisedeque. O

porta-voz proferirá as bênçãos que lhe parecerem apropriadas e conforme o Espírito lho sugerir.

Depois, temos a prece que se distingue da administração; nela se pede que o Senhor cure o enfermo, podendo ser proferida por qualquer alma desejosa de fazê-lo; não é uma ordenança no mesmo sentido. A prece é uma solicitação para que o Senhor aja, enquanto a bênção ou ministração é feita pelos irmãos em nome de Cristo.

Achamos que às vezes há certo abuso com a sagrada ordenança. Uma pessoa que conheço deixou um pedido para que os élderes administrassem diariamente durante as várias semanas que ficou hospitalizada por causa de uma fratura. Muitos acham que administrações excessivas podem ser indício de falta de fé ou de que o enfermo procura transferir a responsabilidade pelo desenvolvimento da fé aos élderes, em lugar de assumi-la ele próprio.

Faz muito tempo, aprendi uma valiosa lição de uma encantadora senhora, a irmã Lucy Grant Cannon, que adoeceu gravemente durante uma visita a sua filha no Arizona. Nós, élderes, fomos chamados imediatamente e lhe administramos. No dia seguinte, perguntaram-lhe se desejava nova administração, ao que respondeu:

— Não, fui ungida e administrada. A ordenança foi realizada. Agora cabe a mim fazer jus à bênção com minha fé.

Às vezes, quando sentimos necessidade de nova bênção depois de ter sido administrados há pouco tempo, é dada uma bênção sem unção.

Freqüentemente se subestima a necessidade de fé. O enfermo e a família muitas vezes parecem querer valer-se unicamente do poder do sacerdócio e dom de cura dos irmãos ministradores, embora a responsabilidade maior caiba à pessoa abençoada. Existem pessoas que parecem ter o dom de curar, conforme indica Doutrina & Convênios, seção 46. É compreensível que uma pessoa enferma deseje ser abençoada por alguém de sua escolha que pareça ter grande fé, poder comprovado e na qual confia; porém, o elemento principal é a fé que tem a pessoa abençoada, desde que esteja consciente e lúcida. “Tua fé te salvou” (Mat. 9:22) foi frase tão repetida pelo Salvador, a ponto de tornar-se um refrão. Embora fosse o Redentor e tivesse todo o poder dado nos céus e na terra (ver Mat. 28:18), repetia constantemente: “*Tua fé te salvou.*” O mesmo se dá conosco. (Ver Mat. 9:29.)

O centurião aproximou-se do Senhor em Capernaum, implorando-

-lhe a cura do seu servo atormentado:

“Senhor, não sou digno que entres debaixo do meu telhado, mas diz somente uma palavra e o meu criado sarará.” (Mateus 8:8.)

Ele assemelhou o poder espiritual de Cristo ao seu poder militar. Cristo, admirado, disse: “Nem mesmo em Israel encontrei tanta fé.

“Vai e como creste te seja feito. E naquela mesma hora, o seu criado sarou.” (Mateus 8:10, 13.)

E temos a mulher que vinha sofrendo havia doze anos; ela dizia: “Se eu tão-somente tocar o seu vestido, ficarei sã.” Ela tocou a orla do seu manto e recuperou-se no mesmo instante: “Tem ânimo, filha, a tua fé te salvou.” (Mat. 9:21-22.)

E novamente, na terra de Genezaré, todos os doentes tocaram a orla do seu manto e foram curados, ficaram “sãos”. (Mateus 14:36.)

O cego Bartimeu também recuperou a visão após seu persistente empenho em tocar o Senhor. E outra vez, quando o homem de Jericó voltou a enxergar, o Senhor disse: “Tua fé te salvou.” (Marcos 10:52.) E dois cegos que voltaram a ver, tornaram-se ardentes seguidores seus. “Seja-vos feito segundo a vossa fé.” (Mateus 9:29.) Antes lhes per-

guntara: “Credes vós que eu possa fazer isto?” (Mat. 9:28.) E mais dois cegos foram curados.

Devido às preferências individuais, acontece às vezes que certos líderes da Igreja são constantemente solicitados a dar bênçãos. Quando uma pessoa se encontra doente e fraca, é natural que queira ser abençoada por élderes em quem

*A bênção, somada
à grande fé das
pessoas abençoadas,
é capaz de operar
curas espetaculares.*

confie por viverem retamente e devido à sua comprovada fé e devoção. Entretanto, é preciso não se esquecer de que não só as autoridades gerais ou líderes de estaca, ala ou missão possuem o poder de cura do sacerdócio. Numerosos irmãos em toda a Igreja, incluindo os mestres familiares, têm autoridade paraabençoar, e sua administração ou bênção, somada à grande fé da pessoa abençoada, é capaz de operar curas espetaculares, conforme provam as inúmeras curas maravilhosas resultantes de ministrações realizadas por missionários jovens e inexperientes.

Muitas vezes ouvimos pessoas célticas perguntar: Por que hoje não temos mais as manifestações espirituais, inclusive curas, como nos tempos do Profeta e na época do Salvador?

A resposta é clara: Hoje há infinitamente mais curas do que em qualquer outra época, e igualmente maravilhosas. A história do ministério do Salvador e período subsequente resume-se num punhado de capítulos, e conforme diz João: "Há, porém, muitas outras coisas que Jesus fez; e se cada uma das quais fosse escrita, cuido que nem ainda o mundo todo poderia conter os livros que se escrevessem." (João 21:25.)

Com a condensação de anos de história, é de esperar que só as curas mais espetaculares fossem registradas, dando a impressão de que todos os milagres foram espetaculares e que todos os que pediram foram curados. Pouco se fala das numerosas vezes, nos tempos de Cristo e dos apóstolos, em que as bênçãos foram menos óbvias, como a cessação de uma dor de cabeça, uma convalescença abreviada ou agonia amenizada. Hoje as bibliotecas transbordariam, se todos os milagres de nossos tempos houvessem sido registrados.

Quando visitei as missões européias em 1955, ouvi os testemunhos

de centenas de missionários. Muitos repetiam casos de milagres, assombrosos mesmo. Por exemplo, muitos contaram casos graves que exigiam operações e que já estavam marcadas. E após a administração, orações e jejum, os mesmos médicos chegavam à conclusão de que a cirurgia não era mais necessária. Aconteceu tantas vezes, que não poderia ser imaginação de um fanático. É impossível que todos os casos tenham sido imaginados ou fantasiados. Tais cancelamentos de cirurgias vêm sendo comunicados de muitos países por missionários de origem diversa, em épocas diferentes, lugares distantes uns dos outros e sob condições variadas, aqui e no estrangeiro.

As curas instantâneas são numerosas e dizem respeito à visão, audição, paralisia, órgãos internos, pele, ossos e todas as partes do corpo. Mesmo doenças incuráveis têm sido curadas. Somos imensamente gratos pela grande perícia e conhecimento acumulado pelos nossos médicos, mas é preciso reconhecer que numerosas curas creditadas a médicos e hospitais foram obra do Senhor, por intermédio do sacerdócio e oração. Tendemos a dar todo crédito ao médico, quando, na melhor das hipóteses, ele apenas ajudou, muito ou pouco.

É preciso não esquecer que nenhum médico pode curar. Ele apenas pode criar condições favoráveis para que o próprio organismo se recupere, mediante seu divino poder de recriação. Ossos podem ser recompostos, germes destruídos, feridas suturadas e mãos hábeis podem abrir e fechar corpos; porém, homem algum descobriu até hoje meios de realmente curar. O homem é criação de Deus e tem dentro de si o poder divino de recriação. E por meio do sacerdócio e da oração, os processos de cura podem ser acelerados e incentivados. Novamente, somos muito gratos pela capacidade, paciência e compreensão dos grandes homens treinados para prestar-nos tão relevantes serviços.

Muitos correm primeiro ao médico e só mais tarde, quando toda esperança se foi, procuram os élderes. Estes são freqüentemente chamados a hospitais para administrar enfermos depois que a ciência médica esgotou seus recursos. Então, quando o doente se recupera, sua cura é creditada aos cientistas; ou, em caso de morte, alguns se admiram por que o sacerdócio falhou. É preciso lembrar que, independente de o Senhor achar por bem curar instantânea ou gradualmente, com cirurgia e tratamento ou sem eles, a cura continua sendo um milagre do Senhor. Embora os médicos se es-

forcem muito, a fim de assimilar o conhecimento acumulado de hoje, é preciso não esquecer que aquele que criou nosso corpo, sabe, desde o princípio, como recuperá-lo, recriá-lo e consertá-lo.

Quando a bênção dos élderes não produz melhora, muitas vezes as pessoas ficam não só desapontadas, como sua fé enfraquece, particularmente quando a administração foi acompanhada de muitas preces e longos jejuns. Mais uma vez, devemos lembrar-nos de que, também nas outras dispensações, nem todos os doentes e aflitos foram curados. Até mesmo os primeiros apóstolos perguntavam: “Por que não pudemos nós expulsá-lo?” E a resposta do Senhor não pareceu muito condenatória: “Esta casta de demônios não se expulsa senão pela oração e pelo jejum.” (Mateus 17:19, 21.)

Ainda que Pedro e seus companheiros tenham operado muitos milagres, de muitos dos quais temos registro, sabe-se que não curaram todos os que os procuraram. Até mesmo o Salvador, com todo seu poder na terra e nos céus, não curou todo mundo. Sem dúvida poderia tê-lo feito, porém muitos não tinham a fé necessária para serem curados. Em Nazaré, ele encontrou tal ausência de fé, que houve raros milagres ali. Ele era o rapaz de Nazaré, sem nenhuma honra em sua cidade natal:

"E não fez ali muitas maravilhas por causa da incredulidade deles." Mateus 13:58). Outros não curou, provavelmente porque não deviam ser curados.

A morte é parte da vida. As pessoas têm de morrer. Até o fim dos tempos, não poderá haver vitória total sobre doença e morte. Os progressos têm sido enormes, e as esta-

*Eu sei que o poder
de cura está na Igreja
e que muitas pessoas
são curadas
pelas bênçãos do Senhor.*

tísticas concernentes à morte são animadoras; maior número de crianças sobrevive, maior número de mães passa incólume pelo parto, e as pessoas, em geral, atingem idade mais avançada que nos séculos passados. Somos gratos a todos os esforçados cientistas que vêm contribuindo para isso. Porém, nós temos de morrer; do contrário, não haveria ressurreição, e sem esta, nem imortalidade nem progresso eterno. Aparentemente estamos modificando nossa maneira de morrer — em lugar de fazê-lo na cama, acontece na rua, à margem de estradas ou em acidentados de trânsito. Mas evitar a morte não podemos.

Obviamente, todos procuramos, e com razão, adiar a morte ao máximo; contudo, o dia há de chegar. Abençoar e orar pelos bem idosos ou pessoas aparentemente incuráveis é apropriado, pois não sabemos a hora aprazada, nem quando alguém deve seguir para o próximo mundo. Por isso, oramos e abençoamos de acordo com o pensamento e vontade do Senhor, que conhece o fim desde o princípio e pode curar, se for conveniente. Mas não é provável que haja cura, se tiver chegado a hora aprazada. Tem havido exceções, entretanto, em que a hora foi adiada. Entre tais casos se destaca o do Rei Ezequias, que implorou mais algum tempo de vida, sendo-lhe concedidos mais quinze anos, findos os quais ele passou para o mundo vindouro. Em nossa própria experiência, em muitos casos parece ter havido um adiamento da morte concedido mediante uma fé monumental. As pessoas devem compreender, todavia, que frequentemente chega um momento em que seria imprudente e mesmo prejudicial solicitar-se uma extensão do tempo de vida. Às vezes, tal extensão prolongaria desnecessariamente o tempo de sofrimento da pessoa e, em certos casos, do fardo da família. Por isso, nossas preces são pronunciadas de modo apropriado e bênçãos proferidas, se não houver solicitação indevida de recuperação. Às

vezes o corpo é salvo mediante esses pedidos imoderados, enquanto o intelecto continua prejudicado. Nessas condições, o corpo às vezes nem morre nem vive. Parece-me que até que nossa sabedoria e bom senso se igualem ao poder latente que portamos, devemos ter extremo cuidado em querer impor nossa vontade ao Senhor. Talvez ninguém chegasse a morrer, se dependesse de nós; e quem sabe, às vezes, alguns morreriam cedo demais para o seu próprio bem ou nosso, se conseguíssemos mobilizar todo o poder existente no sacerdócio.

Ocasionalmente, pessoas tornam-se sentimentais em excesso, e às vezes fanáticas a ponto de considerar milagre tudo o que acontece. Para cada pessoa exagerada ou fanática, porém, existem numerosas outras que não querem ver o milagre em numerosas curas. “Eles ter-se-iam recuperado de qualquer forma,” dizem. Quero dar um exemplo:

O Senhor disse aos seus: “Vós, homens de pouca fé.” (Mateus 6:30.) *E não o somos todos?* Certa vez, longe de casa, após três dias de intenso sofrimento, contei finalmente ao meu companheiro, Irmão Harold B. Lee, o que acontecia. Ele deu-me um calmante que tinha, depois se ajoelhou aos pés de minha cama e me abençoou. Embora estivesse havia três noites com fortes

dores e praticamente sem dormir (já eram três da madrugada), adormeci profundamente momentos depois. Sinto-me envergonhado de confessar que na manhã seguinte, ao despertar, meu primeiro pensamento foi a eficácia do calmante. Então, quando as horas se passaram sem que as dores voltassem, caí de joelhos arrependido pedindo perdão ao Senhor por ter dado o crédito ao medicamento e não a ele. Passaram-se meses sem voltar a sentir dores. Estou envergonhado, mas provavelmente sou exemplo de milhares de pessoas que já fizeram o mesmo. Homens de pouca fé. “Irmã Fulana não melhorou.” “Irmão Sicrano ficou bom, mas levou tempo.” “O Irmão Beltrano teria sarado de qualquer forma.”

Quando tive de submeter-me a uma cirurgia, anos atrás, continuava consciente enquanto médicos e enfermeiras me rodeavam esperando. Então eu disse ao especialista: “Uma porção de gente está orando pelo senhor nesta manhã, cheia de fé.” Ao que respondeu calmamente: “E vou precisar de suas orações.” Tenho a firme convicção de que as muitas preces foram ouvidas, que sua mão foi dirigida e firmada, que sua perícia aumentou e que, em virtude das bênçãos do Senhor, seguiu-se a cura e recuperei a voz satisfatoriamente. O cético talvez tenha outras respostas.

Às vezes tenho desejado ouvir élderes contando milagres acontecidos quando administravam. Isto me faz lembrar da advertência do Senhor aos setentas triunfantes: “Mas não vos alegreis por que se vos sujeitam os espíritos; alegrai-vos antes por estarem os vossos nomes escritos nos céus.” (Lucas 10:20.)

Eu teria medo de jactar-me de milagres em que tomei parte, por não querer desagradar ao Senhor, mesmo sob pena unicamente de reduzir o poder que me confiou.

A bênção pertence ao recebedor, que pode desejar, licitamente, testificar dela; mas seria impróprio e presunçoso querer vangloriar-se, pois nenhum de nós pode curar. Os resultados só se manifestam por meio do sacerdócio. Se o élder pedisse ao aflito que jamais identificasse quem o abençoou, isto reduziria a tentativa de vangloriar-se. Toda honra deve ser dada ao Pai Celeste, sempre. Esse procedimento parece condizer com a vida do Salvador, pois, em muitos casos de cura ele solicitou: “Não contes a ninguém.” Ao leproso que implorava misericórdia, ele disse: “Quero; sê limpo”, e imediatamente o leproso ficou curado. Então Jesus acrescentou: “Não o digas a alguém.” (Mateus 8:3-4.)

Eu sei que o poder de cura está na Igreja e que muitas pessoas são

curadas ou se recuperam ou melhoram pelas bênçãos do Senhor, às vezes com e outras sem o concurso da perícia humana.

Devemos fazer primeiro tudo o que podemos por nós: dieta, repouso, ingestão de ervas comprovadamente medicamentosas, e aplicação do bom senso, especialmente em casos de problemas menores. Depois devemos pedir a presença dos élderes, mestres familiares, vizinhos ou amigos em quem confiamos. Frequentemente isso basta para operar numerosas curas. Em casos mais graves em que o problema não é resolvido, devemos recorrer aos profissionais capacitados e bondosos que podem ajudar-nos tão bem. Certa moça internada num hospital para uma séria cirurgia e que estava com muito medo, declarou que quando o médico foi vê-la na noite antes da operação, ele contou-lhe que estivera no templo. Então ela se acalmou e sentiu-se em paz, reconhecendo estar nas mãos de um homem de fé, justo e capacitado, e que o Senhor estaria velando por ela.

Não permitam que os céticos perturbem sua fé nessas curas milagrosas. São inúmeras. São sagradas. São simples e complexas, graduais e instantâneas. São uma realidade.

